PEQUENO LEITOR: ENTRE A LIÇÃO E A RIMA

LITTLE CHILD READER: BETWEEN THE LESSON AND THE RHYME

Norma Sandra de Almeida Ferreira[1]

Lilian Lopes Martin da Silva[2]

Resumo:
Livro das Crianças (1897), de Zalina Rolim; *Contos Infantis* (1886) de Adelina Lopes Vieira e Julia Lopes de Almeida; *Versos para os pequeninos* (1886-1897), manuscrito de João Köpke, permitem uma reflexão sobre as semelhanças e as distinções entre essas obras quanto às práticas e finalidades de leitura previstas pelos autores/editores e quanto às representações de leitores nelas pressupostos. Orientadas pelos estudos da História Cultural, indagamos: como se aproximam ou se distanciam quanto aos usos e práticas ligados à leitura previstos para elas? Que leitores são pressupostos pelos autores/editores? Concluímos que: a) as práticas de leitura e as imagens de leitores pressupostos para esses livros podem ter sido responsáveis pelas trajetórias diferentes dessa produção na história da literatura para crianças; b)que *Versos para os pequeninos* não foi referendada para circular nas escolas públicas e tampouco editada; que a singularidade de sua configuração composicional constitui um gênero pouco explorado na história dos livros para crianças; que a finalidade prevista para *Versos para os pequeninos*, de forma bem mais acentuada do que em *Contos infantis* e *Livro das crianças,* caracteriza-se pela imersão na cultura oral.

Palavras-chave: João Köpke; Versos para os pequeninos; Livro das crianças; Zalina Rolim; Contos infantis; Júlia Lopes de Almeida; Adelina Lopes Vieira.

1. Apresentação

São três obras - *Livro das Crianças* (1897), de Zalina Rolim;*Contos Infantis*(1886) de Adelina Lopes Vieira e Julia Lopes de Almeida; *Versos para os pequeninos* (possivelmente entre 1886-1897), manuscrito de João Köpke, que foram produzidas no mesmo período e que oferecem algumas aproximações possíveis entre elas.

Conforme seus próprios títulos anunciam, elas destinam-se aos pequenos leitores e, seus temas, para cativá-los, giram em torno do universo infantil. Seus protagonistas são crianças, em narrações de cenas ligadas às brincadeiras, à escola, à família, próximas ao cotidiano infantil. Seus autores, referências na história da literatura infantil brasileira (LAJOLO; ZILBERMAN, 1988 e ARROYO, 1990), são considerados exemplares no propósito de educar moral e intelectualmente a criança, atitude adequada segundo os

[1]Professora Doutora da Faculdade de Educação – Unicamp. E-mail: norma@unicamp.br
[2]Professora Doutora da Faculdade de Educação – Unicamp. E-mail: lilian.lmsilva@gmail.com

valores do adulto, na sociedade do final do século XIX e início do XX (PANIZZOLO, 2006).

Essas obras estão situadas em um tempo (final do século XIX) e no interior de uma produção nacional cujas finalidades de leitura não estão claramente delimitadas: se são para puro entretenimento, ou para estudo e aquisição de conhecimentos escolares. Tampouco se distinguem quanto a sua intenção, com maior ou menor ênfase em instruir e formar.

No entanto, apesar de tantas aproximações entre essas obras, há nuances ainda pouco exploradas no interior da produção acadêmica voltada para elas. Nuances marcadas pelos usos e práticas ligados à leitura, pelos leitores previstos que essas obras pretendem alcançar, pelos espaços de legitimação em que elas circulam e ganham projeção.

Neste texto, pretendemos percorrer, de forma exploratória, essas três obras, buscando pelo que marca as distinções entre elas. Explorando estratégias editoriais e textuais[3], algumas concepções de leitores e de práticas de leituras pressupostas pelos autores/ editores e por pessoas ligadas ao mundo do livro, da leitura, da escola. Adotaremos como fontes documentais, as próprias obras[4], especialmente as páginas destinadas a apresentá-las (os paratextos, como página de rosto, índice, capa etc.) e, entre outros, o artigo intitulado "Poesias infantis – Zalina Rolim", escrito por João Köpke, em 1896, por ocasião do lançamento do *Livro das crianças*, de autoria desta poetisa.

1.1 *Contos Infantis* - Adelina Lopes Vieira e Julia Lopes de Almeida

Contos infantis,1ª edição em 1896, em Lisboa, é composto porpoemas de autoria de Adelina Lopes Vieira e poemas de Louis Ratisbonne, traduzidos por ela. Traz ainda contos em prosa, todos de autoria de Julia Lopes de Almeida. *Contos infantis* chegou a ter três edições sucessivas, cada qual com cinco mil exemplares, perfazendo um total de dezessete

[3]Segundo Ferreira (2012), adotaremos estratégias (editoriais e textuais) como um conjunto de dispositivos acionado e incluído pelo editor e autor, em prefácios, orelhas, índices, capas das obras etc. visando um controle da leitura, propondo e orientando significados aos leitores. Como mecanismos para que os leitores compartilhem de um repertório comum de referências culturais, tornando a obra mais familiar e próxima de suas expectativas, valores, práticas de leitura. Dispositivos textuais que decorrem das estratégias de escrita e das intenções dos autores, e dispositivos editoriais como os que resultam da passagem do texto a livro ou impresso (CHARTIER, 1990, 127).

[4] Usaremos como fonte e objeto de consulta: *Livro das crianças*, edição de 1897, edição fac similar, que se encontra no livro de Piza (2008, p. 106-181). Para *Contos infantis*, analisaremos a 14a. edição, exemplar de 1922, que faz parte do acervo pessoal composto de livros destinados à infância e que pertence a Maria das Dores Soares Maziero. E com *Versos para os pequeninos* utilizaremos o material original cedido ao grupo de pesquisa ALLE/AULA, da Faculdade de Educação-Unicamp, pela família Köpke, pelas mãos de Maria Lygia Köpke dos Santos (FERREIRA, 2017).

edições no período de 1886 a 1927, que foram aprovadas para circular nas escolas públicas, em vários estados. (ELEUTÉRIO, 2005).

Suas autoras, Adelina Lopes Vieira (1850-?) e Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), cresceram em ambiente familiar estimulador no que diz respeito à cultura, com orientações literárias (principalmente de autores portugueses) oferecidas pelas mãos do próprio pai, e participando, desde muito cedo, de reuniões com poetas, escritores e músicos que frequentavam sua casa. No ano de 1886, as duas autoras circulavam pelo ambiente social e cultural (predominantemente masculino) do Rio de Janeiro, escreviam em jornais e almanaques (DE LUCCA , 1995) e dispunham de um capital de relações importantes para promover *Contos infantis.*

Os assuntos dos poemas e dos contos versam sobre a importância de bons sentimentos e ações relacionados à virtude, caridade, modéstia, humildade, simplicidade, solidariedade; ao amor à escola, aos pais e ao trabalho. Também discorrem sobre a morte precoce que leva os "anjinhos", ou a forte ligação que une os mais velhos aos pequenos, nos gestos de compaixão, de respeito, de sabedoria.

Os protagonistas são crianças a aprenderem uma lição pelas brandas palavras de um mestre, de uma mãe e avó, de um pobre homem ou de uma velha e triste senhora desconhecida, num ambiente em que as preces religiosas ou as ações cristãs dão o tom.

1.2. *Livro das crianças* - Zalina Rolim

O livro de Zalina Rolim (1867-1961), conhecido pela "edição especial para as escholas publicas do estado de São Paulo" (página de rosto, *apud* Piza, 2008, p.111), publicada em 1897, pela C.F. Hammett & Company, "(...) teve uma edição de vinte mil exemplares custeada pelo Govêrno de S.Paulo, e distribuída, amplamente, entre as escolas públicas paulistas, tendo sido referendada pelo Conselho Superior do Estado. (LEITE, 1963).

Esta "bela edição (...) em um primoroso volume" (DANTAS, 1983,p. 45), com capa de tecido vermelho e com cena bucólica bordada em alto relevo, parece não ter deixado muitos exemplares para sua aquisição na posteridade.[5]Conforme Arroyo (1990),"a

[5]Como pesquisadoras, há anos buscamos em vão pelas bibliotecas públicas e sebos, um exemplar além da reprodução fac-similar de Piza (2008).

autora encantou muitas crianças da época com suas poesias (...). Hoje [1968], porém, Zalina Rolim não é mais lida e ninguém mais se preocupou em reeditar o seu famoso livrinho" (ARROYO, 1990, p. 219).

Na obra de Zalina Rolim, o cenário, na estampa e no poema, em grande parte, é mais bucólico e campestre do que aquele que também encontramos em *Versos para os pequeninos*. Os poemas criados a partir das estampas sugerem uma relação de afetividade com a natureza ou com os bichos (borboleta, pássaro), mas também uma relação de trabalho com esse ambiente (crianças regam flores; levam almoço e jantar para o pai na lavoura). O cenário pode ser o da escola, porém é sempre lugar em que as boas condutas são aprendidas (não colar, não ter preguiça) e o valor de estudar e de aprender a ler é enfatizado. São sugeridas atitudes a serem imitadas pelo leitor infantil, como generosidade, responsabilidade, trabalho, dedicação, esforço, paciência- pelas quais ele sempre será recompensado.

Zalina Rolim é o elo entre autores que tiveram seus caminhos cruzados. Por João Köpke, como sabemos, ela nutre a gratidão de ter tido com ele aulas particulares, considerando-o um mestre, alguém a ser ouvido e a quem se pode pedir conselhos, mesmo depois de adulta. Com Júlia Lopes de Almeida, escreveu textos literários no periódico feminino paulistano *A Mensageira* (1867-1944).

Ao publicar *Livro das Crianças,* Zalina Rolim usufruía de reconhecida projeção como poetisa; já publicara, por exemplo, *O Coração* (1883), livro que foi bem acolhido por seus pares contemporâneos, como Artur Azevedo (1855-1908), Olavo Bilac (1865-1918), Vicente de Carvalho (1866-1924), e por críticos como Araripe Junior (1848-1911) e João Ribeiro (1860-1934). Já assinava matérias em periódicos, como uma mulher dotada de qualidades literárias e de grande sensibilidade poética, reconhecida pelos escritores Ezequiel Freire (1850-1891) e por Narcisa Amália (1863-1895), entre outros.

No meio educacional, por ocasião da publicação de *Livro das Crianças,* Zalina Rolim ocupa o cargo de "auxiliar da Inspetora ou subinspetora" do Jardim da Infância anexo à Escola Normal de São Paulo (1886- 1900), instituição que ela ajudara a criar e a organizar desde 1883. Também é uma das colaboradoras na *Revista do Jardim da Infância,* na qual publica, em dois volumes publicados de 1896-1897, poesias, contos, exercícios, jogos e traduções de obras de educadores estrangeiros (PIZA, 2008, p. 61).

1.3. *Versos para os pequeninos* - João Köpke

Versos para os pequeninos é uma obra escrita de próprio punho por João Köpke (1852-1926) Contém vinte e quatro poemas e vinte e quatro estampas, que podem ser apreciados em um caderno grande, do tipo usado em cartórios e secretarias, sem capa e com algumas páginas descosturadas.[6]

O capricho e legibilidade na escrita cursiva sugerem uma prática "demorada", que deixa como legado os poemas desenhados nas páginas, assim como o trato com as estampas que aparecem ao lado de cada poema; a página de rosto que traz epígrafe e as informações sobre as condições de produção esmerada deste material[7], marcado por um jogo lúdico entre palavras e imagens.

Em *Versos para os pequeninos*, o uso das estampas como inspiradoras de poemas que versam sobre modelos de (bom) comportamento para os leitores ocorre menos que em Zalina Rolim. Em geral, as gravuras sugerem ambientes descontraídos e familiares, que inspiram poemas sobre brincadeiras entre irmãos, travessuras de gatos, estripulias no quarto, na sala, na cozinha, no escritório, na porta da casa, nos campos. Crianças ou animais tocam música, leem, passeiam, olham a lua, filosofam... brincam.

João Köpke, no período provável de feitura de *Versos para os pequeninos,* já é reconhecido no meio educacional como professor e diretor de escolas particulares, participando da formação de várias gerações de filhos de famílias ilustres republicanas: um intelectual de ideias progressistas. Autor de "belas páginas para crianças" (D'ÁVILA, 1964) e de livros de leitura, disputa no mercado editorial, com fervor, um espaço para adoção de suas obras, algumas delas já aprovadas para circular no estado de S. Paulo. No mesmo mês e ano, por exemplo, em que as autoras de *Contos infantis* dirigem-se a Vossa Majestade Imperial solicitando a adoção de sua obra para as escolas da Corte (VIEIRA, 1886), também João Köpke oferece ao Imperador D. Pedro II, o Primeiro *Livro de leitura moraes e instructivas* e o *Segundo Livro de Leitura moraes e instructivas*, para que "sejam adoptados nas escolas públicas, seguindo para isto os trâmites legais. " (KÖPKE, 1896).

---

[6]*Versos para os pequeninos* manteve-se conservado pelos descendentes de João Köpke em uma pasta verde, por mais de cem anos, alcançando seus leitores apenas no ano de 2017, com a publicação em edição fac-similar, on-line, da Revista Fapesp, em parceria com o grupo de pesquisa ALLE/AULA , da Faculdade de Educação, Unicamp. Disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br/2017/03/17/edicao-fac-simile-traz-a-publico-obra-infantil-inedita-do-final-do-seculo-xix/>.

[7]Na ausência da capa deste manuscrito, é na página de rosto que identificamos o título: *Versos para os pequeninos*; olocal de produção: *Instituto H. Köpke*; seu autor: *Pelo Director.* Essas informações nos levam a inferir que, provavelmente, este material tenha sido produzido entre 1886 e 1897, quando João Köpke esteve como diretor deste Instituto, no Rio de Janeiro.

No período em que Köpke esteve na direção do Instituto Henrique Köpke (RJ),ele ainda se dedica à escrita de novos livros, além de revisar suas obras já publicadas, primeiramente pela Melilo e Teixeira e Irmãos (SP) e, em seguida, pela Francisco Alves (RJ). Reconhecido como intelectual ferrenho em seus ideais, está, no entanto, neste período, dependendo da ajuda financeira de pais de ex-alunos. (MORTATTI, 2000, SANTOS, 2013; FERREIRA, 2017).

2. Leitores e leituras previstas, usos e finalidades...

O prólogo escrito pelas próprias autoras em *Contos Infantis*, o prefácio de Gabriel Prestes ao *Livro das Crianças* e o artigo *Poesia nas escolas,* de João Köpke – a que recorremos na ausência de um prefácio ou apresentação de *Versos para os pequeninos* – são documentos que nos permitem inferir as finalidades e usos para essas obras, assim como as imagens de leitores e das práticas de leitura previstas pelos autores.

Em comum, esses textos compõem um projeto dos autores quanto à educação moral, intelectual e estética das crianças-escolares: pelo conteúdo de seus textos; pela intenção de cuidar e ajustar a linguagem aos seus leitores; pelas alusões às práticas de leitura fácil e prazerosa.

2.1. Contos Infantis, por exemplo, propõe a formação de bons comportamentos, derramando "o perfume suave da virtude" e buscando "moldar o gênio para a dor alheia" (VIEIRA; ALMEIDA, 1922, p. 6), pela prática de leitura que leva os leitores a identificar-se pela imitação das ações, das atitudes e dos sentimentos dos protagonistas, conforme expressam as próprias autoras no prefácio: "(...) que uma única das crianças que nos lerem, praticamente imitando um de nossos heroes, uma acção boa, e ficaremos bem pagas da canceira" (VIEIRA; ALMEIDA, 1922, p. 6). Uma preocupação das autoras que parece ser orientada pela crença no poder da leitura dos livros na (trans) formação do caráter da criança brasileira, segundo visão iluminista do século XIX[8].

Moldar o gênio ainda inexperiente e puro pela incorporação de valores como a virtude, caridade, solidariedade, generosidade etc. segundo a visão do adulto exige, para essas autoras, práticas de leitura descontraídas, prazerosas, de entretenimento, de

[8]O Iluminismo, também conhecido como Século das Luzes e como Ilustração, foi um movimento cultural da elite intelectual europeia do século XVIII que procurou mobilizar o poder da razão, a fim de reformar a sociedade e o conhecimento herdado da tradição medieval. <Https://pt.wikipedia.org/wiki/Iluminismo>; acesso: 15/02/2017.

enredamento - capazes de conduzir este leitor infantil: "Os contos infantis são umas narrações singellas, em que procuramos fazer sentir aos pequenos paixões boas, levando-os com amenidade de história em história (p.5) (...) desta arte o leitor seguirá entretido (...) (VIEIRA; ALMEIDA, 1922, p.5)". É o que pode ser visto, por exemplo, em "As duas fadas" (p.100-103). Neste conto, a autora, recuperando a "corrente de indefinível doçura que prende à velhice a infancia (...)" (VIEIRA; ALMEIDA, 1922, p.100), traz como protagonista a velha contadora de histórias e a inventora de lendas: "(...) conheci uma velha muito feia, tremula quasi cega, mas que attrahia as crianças, como a flor da madre-silva attrae as abelhas. Sabia muitas historias de coisas encantadas (...)e contava-as aos "netinhos", que a ouviam religiosamente. " (VIEIRA; ALMEIDA, 1922, p.101).

Na voz de uma personagem, as autoras fixam na escrita de seus contos impressos o poder da palavra dita, que movimenta o repertório popular e que parece encantar as gerações de leitores pequenos. Nesse sentido, a obra, objeto da cultura escrita e destinada ao leitor que pode acessá-la por sua própria leitura, é também representação de uma prática ainda fortemente ligada à tradição da cultura oral, em que a audição é marcada pela voz materna, pela voz das "velhas" contadoras de história, no convívio familiar. Transposição, cruzamento e convivência de práticas ligadas ao "relato pronunciado e à escrita impressa(...) regresso à oralidade de múltiplos textos, pela mediação da leitura em voz alta (...)" (CHARTIER, 1990, p.124); leitura daqueles que já dominam o código escrito ou daqueles que recebem o texto pela audição da palavra ledora.

No plano da criação da obra (literária), as autoras imaginam seu leitor como aquele a ser educado moralmente pelos ensinamentos elevados ao estatuto da arte, da literatura legitimada pela Academia. Um leitor a ser conduzido, com entretenimento e leveza, por práticas de leitura que, longe de serem autoritárias e enfadonhas, são de natureza "(...) fácil, variada e amena" (VIEIRA; ALMEIDA, 1922, p.5). Um leitor imaginado que - seguindo as formas indicadas pelas autoras - tem como garantia a boa leitura de uma obra de qualidade.

No plano da edição (indicada para circular nas escolas), a presença de estratégias editoriais parece orientada por outra representação de uma obra capaz de "maior aprazimento das crianças" (VIEIRA; ALMEIDA, 1922, p.5) e de oferecer maior leveza para elas. A inserção de gravuras que, segundo as autoras anunciam no prefácio da 2ª edição, foi "exigência" para que a obra fosse aprovada para uso das escolas públicas primárias, é um exemplo de estratégia editorial com outra finalidade não prevista, no campo da criação, pelas autoras. Trinta e quatro ilustrações - dispostas de forma pouco

regular em cada página e uma distribuição também bastante flexível quanto à distância entre uma e outra pelas cento e oitenta páginas que compõem toda a obra –parecem propor uma leveza na leitura, visando oferecer um "equilíbrio" entre o texto verbal e o imagético, uma fragmentação da densidade do texto verbal para um leitor iniciante. Uma sugestão de práticas de leitura, pausadas e entrecortadas, seguindo uma representação do que sejam livros de leitura com a finalidade de "(...) prestar alguns serviços às escolas do paiz (...) " (VIEIRA, 1896) e que se destinam às primeiras classes.[9]

Gravuras que, além de auxiliar na leitura que pode ser pausada para não cansar o leitor, também podem colaborar para a facilidade de compreensão do texto verbal. As gravuras reafirmam a duplicidade e complementariedade que há entre o assunto e o texto, reproduzindo aspectos ora do cenário onde se desenrolam as ações, ora representando crianças em situações exemplares de bom comportamento junto aos adultos (de leitura; de ajuda ao próximo; de carinho com a mãe), permitindo ao leitor iniciante apoiar-se, em parte, na linguagem que lhe é mais familiar (ilustrações) no momento da leitura.

A ideia de leveza na leitura e de compreensão melhor do conteúdo pela fragmentação do texto verbal, pela inserção da gravura, pela mediação da voz ledora do adulto, talvez tenha orientado a decisão das autoras/editores em dividir os textos, variando alternadamente: 27 poemas e 31 contos em prosa.

Esta alternância provocada entre texto em versos e texto em prosa parece sugerir uma liberdade na ordem da leitura: pode-se iniciar na página inicial e ir lendo texto a texto, independentemente do gênero, ou pode ser uma escolha ao gosto do leitor (primeiramente um poema ou um conto, ora só contos ou então só poemas), ou ainda uma opção por textos mais curtos, com menor número de páginas, para um tempo também curto de leitura.

Também o título, que anuncia um novo texto ou o clichê tipográfico[10] que o fecha – fragmentando a obra -, todas estas ações vão demarcando os limites do tempo dedicado à

[9]Um mesmo padrão na apresentação visual das ilustrações (apenas em preto e branco, mesmo tamanho e formato, feitas a bico de pena), uma regularidade na disposição textual (ilustração, numeração, título, poema/conto, clichê tipográfico, questionário) e uma distribuição da quantidade de ilustrações entre os textos, não são aspectos muito diferentes do que vimos nos livros de leitura em série (BRAGA, s/d; KÖPKE, 1923). São estratégias editoriais que fragmentam a densidade visual marcada pelo texto verbal com uma imagem que, geralmente, tem relação com o assunto tratado na lição.

[10] Clichês tipográficos são reproduções obtidas por placas metálicas com vistas à impressão de uma imagem (FARIA; PERICÃO, 2008), com a função de fechar uma lição/texto, separando do outro que poderá ou não iniciar na mesma página. Fragmenta, assim, a densidade visual marcada pelo texto verbal com uma imagem que pode ou não ter relação com o assunto tratado na lição.

leitura, sugerindo sua interrupção, distribuição por vários dias ou por distintos momentos, de forma recolhida e solitária pelas mãos pequenas da criança[11] ou em "reunião familiar", em voz alta, por um adulto.

Se essas estratégias parecem compor uma imagem de leitura que precisa ser facilitada, prazerosa e variada para a criança, outras, diferentemente, parecem "impor" uma compreensão mais escolarizada e reguladora de sentidos e de finalidades. Assim, acompanhando cada conto ou poema, pequenos questionários foram incluídos, em letras com tamanho menor, a partir da 2ª. edição, para ajustar a obra conforme informam as autoras "segundo o methodo adoptado nas obras de ensino elementar prescripto pela mesma Inspectoria". (VIEIRA; ALMEIDA, 1922, p.5). Nesse sentido, à imagem de leitor infantil-iniciante e a ser conduzido, com tranquilidade, agrega-se a de leitor escolar, regulado pela seguinte ordenação da leitura: 1) Ilustração (quando há); 2) marcação em algarismo romano, indicando o número do poema/conto; 3) título, em negrito; 4) Conto ou poema; 5) clichê tipográfico (também quando há); 6) questionário para compreensão da leitura.

Marcações tipográficas (ilustração- numeração-título- texto-clichê- questionário) que, fragmentando a escrita, ordenam a leitura, impõem caminhos e direções de sentidos. Incentivam também atitudes escolares: leitura-estudo de determinado conteúdo curricular; prática da escrita das respostas de compreensão do texto; controle e correção de entendimento pelo adulto.

Contos infantis conduz, aos poucos, o leitor para o encontro com a arte, ou para a compreensão por questões postas a ele, ou ainda, para a adoção de um comportamento exemplar e piedoso.

2.2. A escolha de um prefaciador ligado ao mundo escolar, Gabriel Prestes (1897) situa e dá legitimidade, no campo da educação, ao *Livro das crianças,* de Zalina Rolim. O prefaciador reforça e explicita, de forma clara, os usos previstos ligados ao pedagógico e ao ensino, mais do que às práticas de leitura, como, por exemplo, de fruição e prazer, conforme vimos na apresentação das autoras de *Contos Infantis.* A obra é boa, tem "valor inapreciável" (PRESTES, 1896, s/p) porque atende ao ensino e à escola. De fato, Prestes

[11]*Contos Seletos de Mil e uma noites*, de Carlos Jansen, considerado um dos livros que circulavam no século XIX, no Brasil e destinado às crianças, nomeado por Arroyo "como volumes pesados", tem 290 páginas em letras miúdas, conforme exemplar de 1885, que pertence ao acervo pessoal de Maria das Dores Soares Maziero. (MAZIERO, 2015, p. 72).

(1986), eximindo-se de comentar a qualidade literária da obra, inicia assim o seu prefácio:

> NÃO é de crítica este prefácio. É apenas uma advertência sobre o valor pedagógico do precioso livro escolar que a distinta poetisa e professora d. Zalina Rolim oferece às nossas escolas e que o governo do Estado, por indicação do Conselho Superior, em boa hora resolveu publicar, satisfazendo todas as condições estéticas exigíveis em trabalho desta natureza. (s/p.)

Se a obra tem os méritos poéticos perceberá o leitor, na leitura ao acaso em qualquer de um dos seus poemas, segundo o prefaciador. Também o leitor perceberá "o primor de nitidez e elegância" quanto à impressão, continua Prestes (1896, p.), nesta apresentação da obra.

No momento, justificando a (acertada) posse da edição da obra pelo governo de S. Paulo, Prestes (1897)[12] coloca que a apreciação de seu mérito literário está além dos seus limites como educador e destaca indicando, didaticamente, a sequência dos usos da obra: "(...) da observação direta das gravuras tirarão os alunos assuntos para pequenas descrições que facilitem a compreensão do texto" (PRESTES, 1897, p. 4).

Tais usos correspondem ao plano pedagógico traçado por João Köpke[13] (FERREIRA, 2017), em que as estampas guiam a atenção, auxiliam a compreensão, tornam mais claro o conto para a criança, segundo educadores europeus e estadunidenses, especialmente, aqueles que defendiam o método intuitivo da leitura, do qual Köpke é precursor e defensor (MORTATTI, 2000; SANTOS, 2013; FERREIRA, 2017). Tais usos são também coerentes com o "espírito de reforma" da instrução pública paulista que vai oficializando e sistematizando "um conjunto de aspirações educacionais" ligadas à hegemonia dos métodos intuitivos e analíticos para o ensino especialmente da leitura, a

[12]Para AMED (1999), edições primorosas e de melhor qualidade, no século XIX, fazem parte das estratégias das editoras para atingir um público diferenciado, enquanto que, contrariamente, as edições mais simples estão voltadas para um público maior. Não parece ser este o caso de *Livro das crianças,* que teve, como já mencionamos, 20 mil exemplares e suas poesias "foram declamadas" pelas crianças do Brasil todo". (ARROYO, 1990, p. 180).

[13]Segundo Ferreira (2017) *Versos para os pequeninos*, de João Köpke e *Livros das crianças*, de Zalina Rolim, ainda que com algumas distinções entre eles, trazem contudo coincidências quanto aos projetos visuais-formais, como por exemplo, a importância e semelhança dadas às estampas; a regularidade, disposição e combinação dos títulos, textos e estampas; a opção de dividir o conjunto dos poemas em duas partes na obra; a concretização de um projeto estético pedagógico, o gênero escolhido: exclusivamente poemas (em versos).A autoria de *Livro das crianças* é, historicamente, atribuída a ambos, dando, por direito, a importância de João Köpke como idealizador da obra no plano pedagógico e à Zalina Rolim a criação dos poemas, conforme ele próprio declara: "(...) a responsabilidade da feitura pedagógica do volume, portanto, é claro que nos pertence (...)" (KÖPKE, 1896, p.1) por ocasião do lançamento da obra de Zalina Rolim.

partir de 1890 (MORTATTI, 2000).

E as gravuras - que têm função central neste método - devem, conforme orientações de Fröebel (PIZA, 2008), apoiar-se também na própria vida real, nos elementos que fazem parte do universo infantil, para alargar-lhes o conhecimento, aguçar-lhes a curiosidade, "para que a observação se faça espontânea e sem esforço" (PRESTES, 1987, s/p.) e possa gerar o assunto. Estamos em um campo em que uma certa representação do universo infantil orienta a escolha das imagens pelos autores/editores e ocupa centralidade no ensino da linguagem oral e escrita.

Para Köpke, um projeto pedagógico da leitura, em que a função da estampa é múltipla, porque ligada ao conteúdo que inspira, à materialidade e ao lugar que ocupa em relação ao texto, às práticas que incita. Conforme declara Köpke: "(...) fronteando estrategicamente cada poesia, à direita do leitor, e precedendo à leitura e à memorização pelas crianças, [a estampa] serve de objetivação dos sentimentos e ideias expressos no verso" (KÖPKE, 1896, p.1).

Portanto, a orientação na feitura (pedagógica) de *Livro das crianças* (e de *Versos para os pequeninos*), calcada no interior de um projeto que é acentuadamente visual, ultrapassa a de "ilustrar o volume"*,* para deixar a leitura mais amena. A importância da gravura, assim como sua exposição, disposição, articulação íntima com o expresso pelo verbal, como também provocação para práticas de produção oral e de escrita indiciam o papel da imagem no ensino da leitura para um leitor iniciante, assumido pelos autores (Zalina e Köpke) que adotam princípios positivistas e método intuitivo, entre outros aspectos.

Para um leitor iniciante na educação cultural e literária, a apreciação dos poemas é precedida (adiada) pela leitura-observação das estampas, passo facilitador na compreensão da leitura do texto verbal. A apreciação dos poemas antecede ainda um assunto gerado pelas estampas, capaz de dar origem a "pequenas descrições" (PRESTES, 1896, s/p.), mais um passo facilitador para o entendimento do texto verbal.

Leitura atenta, leitura adiada, leitura em outra linguagem (imagem), preparação no assunto e geradora de outros textos são modos de conceber como a criança compreenderá com facilidade as "descrições poéticas que acompanham as ilustrações (...)" (PRESTES, 1896, s/p) criadas por Zalina Rolim. São formas de didaticamente preparar o leitor iniciante à leitura de poemas. Estariam agora os alunos prontos para apreciar a composição dos poemas, "(...) um modelo de singeleza e espontaneidade. " (PRESTES, 1896, s/p).

Segundo o prefaciador, uma vez facilitada a compreensão pela observação atenta e pelo assunto atraente e próximo, as crianças:

> (...) terão modelos a seguir para os exercícios de transformação e imitação em prosa, exercícios que podem ser feitos livremente pelos alunos ou com a indicação prévia dos vocábulos a substituir, ou das frases e sentenças cuja ordem deve ser alterada. (PRESTES, 1897).

Práticas escolarizadas vão compondo a "pedagogia do trabalho" (DANTAS, 1983, p. 43), com a leitura: um mesmo assunto (pela estampa e texto) que corresponde aos interesses infantis do leitor é intensamente (re)visitado, em usos distintos, como ver, observar, falar sobre, produzir um texto, ler o poema-descritivo e ainda, reescrevê-lo de diversas formas, com diferentes finalidades etc.)[14].

Vão compondo uma diversidade de usos possíveis para o *Livro das crianças*, que se ampliam em outra direção, pelas palavras de Prestes (1897), no prefácio: " Além destes exercícios para os quais prestam-se, em geral, os textos (...) o livro de Zalina presta-se admiravelmente à leitura expressiva e aos exercícios de recitação. " (Prestes, 1897, p.4).

Na diversidade e na quantidade de práticas ligadas a um único texto, o leitor-aluno vai se capacitando para a leitura expressiva e para apreciação que vêm pela memorização, o "saber de cor" o texto tantas vezes visto, comentado, transformado, reescrito e lido: leitura reconhecimento. A leitura expressiva passa a ser mais do que apreciação da poesia e compreensão ou apreensão de um conteúdo, uma prática configurada, na escola, como instrumento de avaliação e de cobrança pelos mestres como critério para aprovação do domínio do ler bem e de forma correta. Uma prática que ganha a dimensão da sociabilidade da leitura, recitada e lida com expressividade para o outro, mas que também intensifica uma tradição escolar no controle do adulto na dicção, no uso da memória, na repetição de um mesmo texto: retorno da textualidade à oralidade. (CHARTIER, 1990).

No prefácio, Prestes (1896) coloca ainda que "sob este ponto de vista," o da prática de leitura expressiva e de exercícios de recitação, "o livro ora publicado é um magnífico elemento para a educação estética e literária" e acrescenta que "É este o seu principal característico e o seu objetivo mais direto" (PRESTES, 1896, p.4). Encontram-se aqui o

[14]Em seu *Curso de lingua materna: para uso das escolas primárias* (1892), João Köpke propõe também exercícios de vocabulário, de substituição e transformação do poemas e textos em prosa, para os anos do 7º.ao 9º ano, sem no entanto destacar esses usos para as turmas menores. (FERREIRA, 2017).

prefaciador (Prestes) e o mentor da obra (João Köpke) em plena concordância. Mas discordam na ênfase dada aos usos previstos para *Livro das crianças*.

Para Prestes (1896), a obra que tem como finalidade e justificativa promover a a educação estética e literária das crianças, é referida, por diversas vezes, por ele, como um **modelo** (grifo nosso) de ensino da linguagem; para múltiplos exercícios da linguagem oral e escrita que podem ser realizados pelos mestres com as crianças: "é mais do que um simples livro de leitura, é um modelo sugestivo para o ensino da linguagem oral e escrita" (PRESTES, 1896, p.4). Portanto, para ele a obra traz primor na edição e linguagem correta, singela, elegante - critérios que atendem às expectativas escolares-, prestando-se assim, de forma valorosa, para o ensino.

Para João Köpke, a educação literária e estética está enraizada na tradição da cultura oral – "sem pretensões a apuro literário" (KÖPKE, 1904, p.594), porque essa é a que faz parte do mundo infantil. Uma tradição que tem sido menosprezada e se distingue da produção da época, em que "(...) festejados literatos produzem obras ininteligíveis para a compreensão da criança, atendendo às encomendas das editoras para exploração de proventos". (KÖPKE, 1907, *In*: Almeida, 1914, p. XXXVI).

Para João Köpke, a leitura é moldada pela oralidade: pela conversa sobre o assunto na estampa e no verso; pela memorização do poema; por uma (possível) oralização do poema para uma plateia; pelo uso de um gênero que é próximo e familiar à cultura oral, a poesia lírica tal qual cantada em versos pelos trovadores e poetas gregos.

> V. Ex. sabe que as estrophes de Homero eram cantadas na corte dos príncipes para prender os corações naquelle enleio incomparavel, (...) que em Athenas os grandes poetas, nos vastos amphitheatros (...) liam ou representavam ao povo aquellas obras primas coroadas de applausos estrepitosos (...) os menestréis e trovadores quebravam a monotonia dos longos lazeres dos invernos castellãos, desenvolvendo as fórmas primitivas da música e da poesia (KÖPKE, In: Almeida, 1914, p. XXXIX).

Poemas cantados, lidos ou representados que quebram a "monotonia do longos lazeres dos invernos", que servem para "prender os corações" na corte, que são coroados "de applausos estrepitosos" são para Köpke também modelos – em outra direção - para uma educação estética literária para crianças. E, o *Livro das crianças* é para Prestes (1897) possível de ser explorado pela sua finalidade e usos pedagógicos, pela sequência didática por ele destacada e, talvez, fazendo um trocadilho com o título da obra, o prefaciador

corrige: "não é apenas um Livro das Crianças, é também um livro para crianças e, mais do que isto, é um livro para os bons mestres" (PRESTES, 1897, s/p).

2.3. A coincidência dos projetos visuais e formais entre *Livro das Crianças* e *Versos para os pequeninos*, assim como a alusão de que a autoria do plano pedagógico em ambas as obras cabe a João Köpke, não garantiram que as práticas de leitura e os leitores pressupostos se enquadrassem em uma padronização que tudo iguala e em tudo se assemelha.[15]

Inicialmente,*Versos para os pequeninos*, embora previsto para uso escolar, não traz estratégias editoriais (questões de compreensão, de verificação curricular, vocabulário, ilustrações para fragmentar o texto verbal etc.), como vimos em *Contos Infantis*. Também não traz um prefaciador, que ocupando o cargo de diretor da Escola Normal faz referência direta ao leitor-mestre e atribui o valor à obra porque ela atende à escola, ajuda os mestres e "satisfaz todas as condições estéticas exigíveis em trabalho desta natureza" (PRESTES, 1897, s/p).

Segundo Ferreira (2017), *Versos para os pequeninos*, como também a obra de Zalina Rolim, teriam como finalidade de leitura a iniciação à literatura – pela poesia lírica, cantada ou expressivamente lida, orientada pela prática e estilo próprios da oralidade, segundo um projeto marcado pela Retórica (KÖPKE, In: ALMEIDA, 1914, p. XXXIX). Uma iniciação que vem da poesia cantada, que encanta as almas dos homens, há séculos, desde os primeiros trovadores (Homero e Hesíodo), estimulando a imitação do Belo e do Bom., como educação moral dos povos (KÖPKE, 1914, p. XXX; KÖPKE, 1896).

No entanto, como vimos, são distintos os entendimentos expressos por Prestes (1896) e por Köpke sobre os modos de introduzir acriança nesta iniciação da cultura moral e intelectual pela poesia.

Sem um prefácio ou uma edição impressa - que poderiam mostrar exigências do plano editorial - o que encontramos sobre a "arquitetura" da educação estética e literária[16] de Köpke são protocolos de orientação para seus usos nas marcações (escritas a lápis ou à

[15]E, como sabemos, há muitas outras práticas de leitura movimentadas pelo mundo da singularidade e da inventividade do leitor (CERTEAU, 1994) no interior de condições distintas de produção que não poderão jamais ser acessadas apesar do plano previsto pelo autor, editor etc.

[16]Segundo Ferreira (2018), para Köpke, a educação moral e estética é cultivo da imaginação e impressão de emoções e ideias na alma do educando.

tinta, à frente dos versos), pistas deixadas pelo autor[17], para o modo de apreciação prevista para seus poemas.

Uma dessas marcações aponta para uma prática da palavra ledora, em alternância de vozes, marcada pela numeração que ordena a leitura, em sequência, como vemos por exemplo, no poema *O Corneta* (p.40-41): [18]

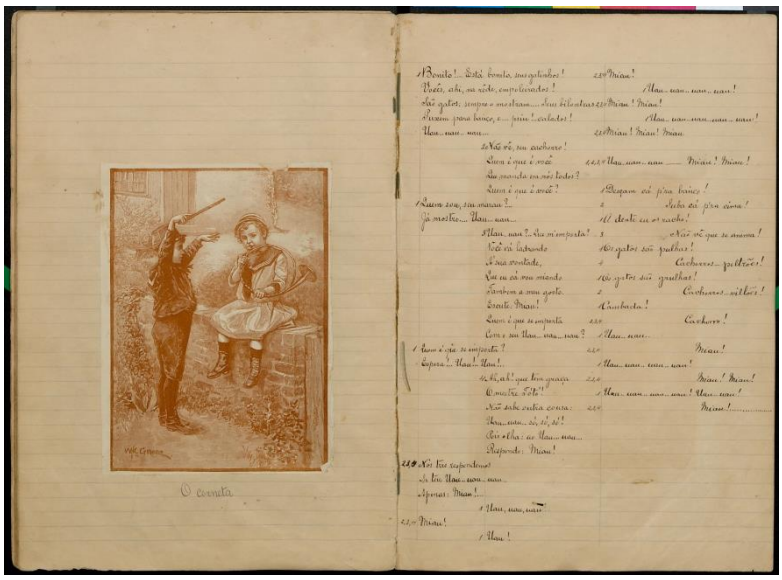


Imagem 25 – Estampa e poema "O corneta" (p. 40-41), de "Versos para os pequeninos", de João Köpke. Fonte: acervo da família Köpke.

Segundo Ferreira (2017), as marcações indicando o coro ou os refrãos são modos de aproximação do mundo infantil pela musicalidade:

> Os refrãos, por exemplo, estão presentes na maioria dos poemas. "Jogados" pela página da folha, repetidos muitas vezes ao longo do poema, eles, os refrãos, sugerem um efeito sonoro, um ritmo, uma sonoridade, uma melodia a gosto do universo infantil. Algumas vezes, são fragmentos de cantigas populares, às

[17]O trabalho artesanal da escrita manuscrita no processo de criação de uma obra quando vai para o livro impresso se perde, transfigura-se no processo de fabricação do impresso, após interferências dos sujeitos ligados ao polo da produção editorial que têm os olhos voltados para o público leitor mais amplo, ou para aspectos que atendem às expectativas do mercado editorial, aos custos da produção etc. Nesse sentido, não sabemos a que modificações *Versos para os pequeninos* seria submetido, caso fosse editado.

[18]Tré.. té.. té.. té.. té.. té.. té.. té.. té../ Na corneta soprava Juju,/ E compasso nos ares marcava,/ Como mestre da banda, Tutu./ Tré.. té.. té.. té.. té.. té.. té.. té../ A corneta estridente soou,/ E nos montes, e valles, e serras,/ Repetido, o clangôr e chôou.[?]/ Tré.. té.. té.. té.. té.. té.. té.. té../ Este canto de guerra partiu,/ E, na casa dos bons camaradas/ De Juju, todo o mundo ouviu./ Tré.. té.. té.. té.. té.. té.. té.. té../ Os soldados valentes lá vem,/ Acudindo ao chamado do chefe,/ Que é pequeno soldado tambem./ Tré.. té.. té.. té.. té.. té.. té../ Já se forma o infantil batalhão,/ Que, nas guerras, não fere, nem mata,/ Que não tem nem fuzil, nem canhão./ Tré.. té.. té.. té.. té.. té.. té../ Tudo logo se põe a marchar,/ Indo à frente Juju, na corneta/ A tocar, a tocar, a tocar! (O Corneta, Köpke, p. 41).

> vezes, um conjunto de onomatopeias, outras vezes, trocadilhos. Em grande parte, os refrãos funcionam na alternância de vozes (coro ou individual) que orientam o ritmo e movimentam o poema. O texto parece ser substituído por uma "escrita vocal". (FERREIRA, 2017, p. 161)

A facilidade da leitura ou a intenção de aguçar o interesse da criança não se constituem apenas do assunto – com animais e pessoas que são do seu mundo - também explorado na gravura, mas principalmente de um "ajuste", com simplicidade, do uso da linguagem que se coloca, frequentemente, de forma direta, econômica, com versos curtos recheados de exclamação, interrogação, reticências e vírgulas, como, por exemplo, nos versos de "O Corneta": "(...) já se forma o infantil batalhão, / que, nas guerras, não fere, nem mata,/que não tem nenhum fuzil, nem canhão,/ Tré...té....té....té.... té...té....té....té....té.... (KÖPKE, s/d, p. 41)

Uma pontuação que suspende ou dá ao poema a direção de uma conversa musicada, que enfatiza o ritmo, que põe movimento no enredo pela prática de leitura. Uma repetição dos versos (ou expressões) que aponta para a intensidade da brincadeira e "entretém" o leitor nas pequenas variações dos versos no decorrer do poema, criando uma atmosfera descontraída, como em *Pagode*: "Oh que grossa pagodeira! / que famosa bilontragem! /que tremenda malandrice! / que dannada vadiagem!/ Quatro eram- quatro apenas/ (...)". (KÖPKE, s/d, p.37).

Segundo Ferreira (2017), a musicalidade (rimas, ritmo, repetição de aliterações, de sons onomatopaicos etc.) e as marcações feitas pelo autor ao longo dos poemas permitem inferir que os poemas em *Versos para os pequeninos*, tais como se configuram, não são para serem lidos em silêncio, um a um, acompanhando as estampas ou para serem lidos em voz alta por um adulto. Talvez uma proposta de leitura oralizada, em jogral, declamada ou recitada pelas próprias crianças, experenciando uma situação em que os personagens são alegres e se divertem ao som da (falsa) música de uma corneta em uma brincadeira infantil.[19]

Assim, segundo Ferreira (2017), a educação estética e literária pressupõe uma prática de leitura que é ouvida, que entra pelos sentidos (ouvidos) mais do que reflexiva ou

[19]Vejamos o poema "Um artista", de Zalina Rolim, com um assunto muito próxima ao explorado por João Köpke: NENÊ vai tocar violino./Psiu! Silêncio! Escutem lá!/É o nosso guerreiro hino:/Trá... lá... lá... trá... lá... lá... lá... lá!/E o nosso artista é um portento!/O fole na sua mão/Torna-se raro instrumento;/Tem fibras e coração./O ferro que o lume aviva,/Serve-lhe de arco, e ninguém/O tom marcial, à expressiva/Música, imprime tão bem./Não digam os profanos/- Gentes de ouvido feroz - /A este gênio de quatro anos,/Sagram-no os pais e os avós./E ele ergue os olhos bonitos/E o seu triunfo revê/Nas palmas dos irmãozitos,/Que aplaudem: Bravo, Nenê/. (ROLIM, 1897, In: PIZA, 2008, p.10).

imitadora da lição (conteúdo) demonstrada no enredo. Não uma prática de leitura - que pela identificação com as ações e sentimentos dos protagonistas – promove a formação moral do pequeno leitor. Tampouco a prática de leitura mostrada à vista, exposta para ler silenciosamente através das "linhas mudas e inertes seu typoscritpto" (KÖPKE, 1914 p. XXXVII). Uma leitura que permanece/prevalece porque lida ou cantada "(...) pela modulação, pelo tom da voz, pela expressão de quem lê (...)" (KÖPKE, 1914, 1914, p. XXXVII.). Uma recepção e apreciação positivas, porque pela melodia terna da voz ledora, sob o olhar expressivo da sua recitação, as crianças-ouvintes encantam-se com os versos da poesia, elevam-se no convívio afetivo e intelectual, uma "leitura passagem para a literatura" (KÖPKE, 1907, In: ALMEIDA, 1914, p. XXXIX).

Sem pretensões de efeitos sofisticados para um leitor que precise demorar na leitura ou na memorização do poema (ainda que a memorização seja uma possibilidade), há, por quase todo "*Versos para os pequeninos*", uma regularidade: na combinação das rimas (no segundo e no quarto versos e livres nos demais versos das estrofes); na quantidade de quatro versos em cada estrofe; na presença de um "mesmo esquema métrico marcado por versos de cinco, seis ou sete sílabas métricas (redondilhas menor e maior)". Uma composição poética bastante próxima ao gosto popular que, como sabemos, é aquele que orienta a composição dos poemas da literatura de cordel em nosso país.

Nesse sentido, a compreensão de Köpke para uma prática de leitura "natural", prazerosa e de interesse da criança é constituída de outros aspectos: um assunto banhado pelas cantigas infantis, uma musicalidade exacerbada (ressonâncias, onomatopeias, aliterações, rimas, refrãos etc), um tom bem humorado e irreverente no jogo de vozes do poema; uma repetição de sons, palavras e versos, uma pontuação que encerra entusiasticamente o poema ou que suspende, pausadamente os versos, uma disposição dos versos na página, diferente do usual etc. Um modo de conceber a identificação "imediata" com o leitor infantil, em que a musicalidade e a simplicidade da linguagem se contrapõem ao "(..) dificil [que] é sympathizar com ideias e sentimentos, que lhes não são congeniaes.... (KÖPKE,1896, p.1).

Segundo Ferreira (2017, p. 230), provavelmente, em *Versos para os pequeninos*, não são previstas a prática de leitura silenciosa e individual (comumente sugeridas nos livros escolares), em que o leitor escuta mentalmente o escrito que seus olhos leem, em um processo mais ou menos lento, de reconhecimento imediato, sem esforço de decifrar, "a voz leitora acha-se interiorizada" (SVEMBRO, 1999, p. 58). Tampouco a prática de leitura

sussurrada, individualmente, em que o leitor (iniciante) necessita de sua voz para "reconhecer" a sequência gráfica, entretendo-se com o escrito, no plano da sonorização, realizando um esforço mental e físico para que as letras não fiquem vazias de sentido (SVEMBRO, 1999, p.58), como na leitura das cartilhas. Também não se enquadra na prática da leitura em voz alta de um texto para a plateia, em que a escrita (o texto) se faz ainda presente, de modo que o(s) ouvinte(s) dessa leitura não se engane(m) sobre a relação de contiguidade entre escrita e voz (SVEMBRO, 1999, p. 57) e que pode ser cobrada pelo mestre com a finalidade de corrigir e afinar a competência leitora da criança.

Ainda que *Versos para os pequeninos* possa prestar-se a qualquer uma dessas práticas de leitura (principalmente a oral), ele parece prever uma leitura encenada, marcada pelas alternâncias de vozes, pela indicação de um coro/refrão, pelo ritmo e pela cadência inscrita na repetição de versos, nas rimas, nas palavras próprias da oralidade (FERREIRA, 2017). Uma prática efetiva de sociabilidade da leitura, configurada pela leitura "exibicionista" de um leitor (infantil) frente a um auditório (familiar, escolar). Tradição que se estende desde o mundo romano, na história da leitura ocidental (CAVALLO, 1999).

Nesta direção é que Köpke indica que a **poesia lírica** é o gênero mais adequado aos primeiros anos de ensino numa gradação hierárquica de adaptabilidade poética, que leva ao dramático e ao didático: "é incontestável pela lição antiga e de todos os dias que a poesia lírica é o gênero que mais se quadra ao primeiro ensino" (KÖPKE, 1896, p.1, grifo nosso).

Um gênero que, munido da poesia, é também adequado ao estágio (fase) de vida do leitor, distinto do "espírito já educado" (KÖPKE, 1896, p. 1) que com distintas exigências de apreciação pode prescindir da poesia pelas mãos do mestre. No entanto, este leitor iniciante, na "passagem para a literatura", não requer uma adequação da linguagem ao seu estágio infantil, com omissão de vocabulário em nome de um desconhecimento por parte dele, ou com presença de expressões acompanhadas de explicações mecânicas de modo que o significado esvai-se, sem registrar "impressões na mente nem no coração" (KÖPKE,1896, p.1). Ajustar-se (com simplicidade) à fase infantil parece significar para Köpke, um uso da linguagem que se dá e se explica no meio de pensamentos congeniais à criança, que lhe toca ideias e sentimentos próprios dela, por isso não lhe é difícil a apreciação da poesia" (KÖPKE,1896, p.1).

Köpke, aconselhando Zalina Rolim, complementa, se referindo a Isaac Taylor:

> A palavra desconhecida que se lhe explica no meio de pensamentos, com que simpatiza, é uma aquisição permanente para o vocabulario do ignorante. O pensamento dúbio ou obscuro, traduzido em termos conhecidos, é um chocalhar de palavras, que ferem o ouvido e esvaem-se sem deixar impressões na mente nem no coração. (KÖPKE,1896, p.1).

Daí a função do mestre: mediar a leitura pela explicação do estilo para que a criança possa apreciar o ideal da poesia, ser suscetível a sentimentos, compreender sua linguagem revestida de imagens. A prática de apreciação da literatura passa pelo trabalho intencional com a linguagem promovida pelo leitor adulto (o mestre) que possibilita o entendimento que chega à alma do leitor iniciante.

Para Ferreira (2017), *Versos para os pequeninos,* proposto para circular no meio escolar, traz usos previstos que tocam diretamente as crianças pelos ouvidos e dá a elas - no assunto tratado, na disposição visual-formal, na linguagem trabalhada, no gênero lírico da poesia - o universo infantil, tal qual João Köpke o pressupunha para a criança daquela época.

3. Considerações Finais

O *Livro das crianças,* referendado pelo Conselho Superior do Estado e pelo prestígio que seu prefaciador (Gabriel Prestes) detém naquele momento, traz uma autoria diretamente ligada a dois educadores (Köpke e Rolim). Além disso, em seu prefácio estão explicitadas as práticas de leitura e de escrita previstas para a obra no ensino da língua oral e escrita. Práticas essas ligadas ao projeto pedagógico adotado pelo governo de S. Paulo, em uma exploração didática dos poemas pelos mestres (mais do que dirigidas às crianças) segundo seu prefaciador. Teve uma boa acolhida, por seu viés educacional mais do que pelo literário (FERREIRA, 2017), podendo desfrutar da aceitação de um mercado rendoso e promissor que é o escolar. O conjunto de estratégias editoriais presentes nessa obra, referendadas pelo campo da educação lhe garantiram não só uma estupenda quantidade de exemplares publicados, já em sua primeira edição (vinte mil), como também garantiram que suas práticas de leitura pusessem essa obra em circulação, como nos coloca Arroyo (1990): " O Brasil inteiro, nas festas escolares, nas reuniões de família, pelos seus meninos e meninas, recitou versos de Zalina Rolim(...)" (p. 217)., além das poesias de Presciliana Duarte de Almeida, Francisca Júlia e Olavo Bilac.

Por outro lado, as autoras, no contexto de recepção, de *Contos Infantis,* são reconhecidas no ambiente literário, citadas e lembradas, por exemplo, pelo cronista João do Rio (1994), em seu livro *O momento literário*, editado em 1907. Distintos dos parâmetros que orientaram as práticas de leitura de *Livro das crianças,* a obra de Adelina e Júlia Lopes, segundo as autoras, deve ser legitimada e prestigiada por uma educação "**esthetica** para falar à imaginação e ao coração das crianças" (VIEIRA; ALMEIDA, 1922, p. 6, negrito nosso). Tornando-se (também como Zalina Rolim e outros poucos autores), uma das precursoras de nossa literatura infantil, deixa-nos uma "obra clássica, classicamente poética, para a infância, mostrando assim os verdadeiros critérios de composição de uma lírica capaz de ser longamente amada pelas crianças. (ARROYO, 1990, p. 217). Provavelmente seu sucesso e sua publicação por diferentes e muitas edições foram alimentados porque, atendendo às exigências do mercado editorial destinado às escolas, especialmente as suas práticas de leitura (inserção de gravuras e de um questionário para compreensão do leitor), tornou-se além do proposto pelas autoras, um livro para usos escolares.

Segundo Ferreira (2017), João Köpke, por ocasião da produção de *Versos para os pequeninos,* já estava distante de um modelo arquitetado no interior de um projeto político que se impunha como polo propulsor e irradiador de novas ideias pedagógicas à nação: a escola paulista. (MORTATTI, 2000, p. 85). Tornara-se crítico dos critérios (questionáveis, protecionistas e, por vezes, corruptos) propostos e incentivados pela instrução pública, na adoção de livros para escolas, na aprovação de alunos sem domínio de conhecimentos, na indicação de pessoas despreparadas para ocupar cargos públicos, entre outros. João Köpke, autor reconhecido pela série de livros de leitura (publicada até meados dos anos 60, do século XX), parece não corresponder mais aos rumos que tomava o mercado editorial conjuntamente com seu público leitor cativo, aquele da escola.

No final do século XIX, a entrada na escola pode, em grande parte, ser caracterizada pela valorização da letra impressa, como garantia de interpretação da palavra do outro e de acesso ao conhecimento; da posse do livro individual do aluno para práticas de leitura ligadas ao silêncio, ao estudo etc; da prática de memorização e recitação de textos que são prioritariamente produzidos para e pela cultura da escrita, com correção e nitidez de linguagem. Nesse período, na escola, a escrita parece ocupar centralidade em suas práticas, sobrepondo-se à oralidade, próxima e familiar à criança.

Parece que o manuscrito de Köpke em *Versos para os pequeninos* vai em direção de uma educação cultural e literária, pela musicalidade e pelo assunto, uma vez que reúne

versos banhados pelas cantigas infantis, pelo jogo rítmico das palavras, constituindo-se em um gênero lírico cantado em público. É provável que esse material não corresponda ao modelo legitimado pela escola, ao modelo de ensino da língua materna e que por isso não renda lucros para o mercado editorial da época.

Abstract:
Livros das Crianças (1897), by Zalina Rolim; *Contos Infantis* (1886) by Adelina Lopes Vieira and Julia Lopes de Almeida; *Versos para pequeninos* (1886-1897), João Köpke's manuscript, allow a reflection on the similarities and distinctions between them regarding the practices and purposes of reading predicted by the authors / editors and the representations of readers presupposed in the texts. Guided by the studies of Cultural History, we ask: how do they approach or distance themselves from the uses and practices related to reading predicted for them? Which readers are assumed by the authors / publishers? We conclude that: a) the reading practices and the images of readers presupposed for these books may have been responsible for the different trajectories of this production in the history of literature for children; b) that *Versos para os pequeninos* was not countersigned to circulate in the public schools nor edited; that the uniqueness of its compositional configuration constitutes a genre that has not been explored in the history of children's books; that the intended purpose for *Versos para os pequeninos*, much more marked than in *Contos Infantis* and *Livro das crianç*as, is characterized by immersion in oral culture.

Keywords: João Köpke; Versos para os pequeninos; Livro das crianças; Zalina Rolim; Contos infantis; Júlia Lopes de Almeida; Adelina Lopes Vieira.

Referências

AMED, J. P. *Escrita e expectativa na obra de Julia Lopes de Almeida (1862-1934).* [Tese de doutorado]. FFLCH – USP, 2010.

ARROYO, L. *Literatura infantil brasileira.* São Paulo: Melhoramentos, 1990.

CARTA DE JOÃO KÖPKE A RUI BARBOSA. RJ, 26 março1890. Solicitação de ajuda financeira para manuntenção da Escola. In: *Documentos RB CR* 747, do n. 1538 a 1575., período de 20-04-1884 a 11-12-1904. Casa Fundação Rui Barbosa, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=ArquivoRuiBarbosa&pasta>. Acesso em: jun. 2017.

CHARTIER, R. *A história cultural:* entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

DE LUCA, L. *A mensageira: uma revista de mulheres escritoras na modernização brasileira.* [Dissertação de mestrado] IFCH. Unicamp, 1999.

ELEUTÉRIO, M.L. *Vida de romance.* As mulheres e o exercício de ler e escrever no entreséculos, 1890-1930. Rio de Janeiro, Topbooks, 2005.

FERREIRA, N.S.A. *Um estudo sobre Versos para os pequeninos, manuscrito de João Jöpke.* 'Tese (Livre docência, área Educação, conhecimento e Arte), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2014.

FERREIRA, N.S.A. *Um estudo sobre Versos para os pequeninos, manuscrito de João Jöpke.* Campinas- SP, Mercado de Letras, 2017, apoio FAPESP.

KÖPKE, J. *Versos para os pequeninos:* pelo director do Instituto Henrique Köpke. [s.n.t.]. p.54 Manuscrito original. (Acervo da família Köpke).

KOPKE, J. . Carta de João Köpke ao Imperador do Brasil solicitando a adoção do Primeiro Livro de Leitura, de sua própria autoria, 06 nov. 1896. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.

KOPKE, João. Carta-prefácio. Rio de Janeiro, 31 de maio de 1907, ppXXXII – XLIII. In: ALMEIDA, P. D. de. *Páginas Infantis.* São Paulo, Escolas Profissionaes Salesianas, 1914.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. *Literatura infantilbrasileira:* histórias e histórias. São Paulo: Ática, 1988.

LEITE, M.C., Notas bibliográficas. Disponível em: <seer.fclar.unesp.br/alfa/article/viewFile/3210/2937>. Acesso em: fev. 2017.

MORTATTI, M. do R. L. *Os sentidos da alfabetização:* São Paulo – 1876/1994. São Paulo: Editora Unesp; Brasília: MEC/Inep/Comped, 2000.

O ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo, p. 1, 28 jan.1896. (A poesia nas escolas – Um livro de Zalina Rolim).

OLIVEIRA, V. V.;SEGABINAZI, D. M. A formação virtuosa através da ilustração em Livro das Crianças, de Zalina Rolim. *Revista Textura*, v. 17, n. 35 (2015). Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/1597/1262>. Acesso em: fev. 2017.

PANIZZOLO, C. *João Köpke e a escola republicana:* escritor de leitura, escritor da modernidade. 2006. 335 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Pós-graduação em História, Política e Sociedade, São Paulo, SP, 2006.

PETRUCCI, A. La escritura manuscrita y laimprenta: ruptura o continuidad. In: _____. *Alfabetismo, escritura, sociedade*. Tradução Juan Carlos Gentile Vitale. Barcelona: Geedisa Editorial, 1999. p. 117-128.

PIZA, M. A. T. *Zalina Rolim:* poetisa e educadora. Itu: Ottoni Editora, 2008.

SANTOS, M. L. C. K. *Lendo com Hilda:* João Köpke- 1902. 2013. 229 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2013.

VIEIRA, A. Carta de Adelina Vieira ao Inspector Geral da Instrucção do Município da Corte, solicitando a adoção do livro *Contos Infantis.* de sua própria autoria com Júlia Lopes de Almeida, 20 nov. 1886. 2 p. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.

VIEIRA, A., ALMEIDA, J. L. *Contos infantis em verso e prosa.* 14. ed. Rio de Janeiro. Livraria Francisco Alves, Paulo Azevedo & Cia, 1922.